

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Netos Adolescentes e seus Avós: um estudo qualitativo

Mariana Filipa Ferreira

outubro 2011

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para prestação de provas de Mestrado Integrado em Psicologia, na área de Psicologia Clínica e da Saúde, realizada sob orientação do Professor Doutor Barros de Oliveira (FPCEUP)

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Barros de Oliveira, por me ter proporcionado a escolha de um tema que tanto me diz, e por me ter ajudado a explorar os significados tão particulares e grandiosos que emergem das relações entre os netos e os seus avós.

A todos os netos que colaboraram neste estudo, obrigada por me terem dado a oportunidade de ver os vossos avós, também sob o meu ponto de vista.

Às minhas colegas de mestrado, Andreia, Diana, Dora e Joana, pelo companheirismo e pelo muito que foi partilhado ao longo destes dois anos.

Às minhas amigas da Casa, Filó, Flores, Ju, Pi, Pipa e Tânia, por tudo o que nos permitimos viver ao longo destes cinco anos.

À minha família. Sem o vosso apoio não chegaria até aqui. Obrigada por tudo o que me ensinaram a ser.

Ao João, para quem mil obrigadas não chegariam.

À Sandra, pela sua disponibilidade imediata.

Resumo

Nas últimas décadas as relações intergeracionais têm merecido especial atenção na área da investigação, constituindo-se como tema de importância crescente. O estudo das dinâmicas familiares, particularmente o estudo da relação avós-netos emergiu como um marco fundamental na compreensão do desenvolvimento humano. O maior número de indivíduos na condição de avós potencia uma maior convivência intergeracional e permite uma aproximação às gerações mais novas – os netos – acompanhando-os ao longo do seu percurso desenvolvimental.

O presente estudo assume um carácter exploratório, onde se abordam as relações intergeracionais avós-netos adolescentes do ponto de vista dos netos, recorrendo a uma metodologia qualitativa - a análise de conteúdo. Os objetivos da investigação compreendem a análise de algumas variáveis preditoras da qualidade da relação avós-netos, tais como o sexo dos netos, a linhagem dos avós, a frequência do contacto, a distância geográfica, e o papel da mediação dos pais. A figura favorita, a influência dos avós, o contributo dado por estes à família, e a conceção de avós ideais, foram outras questões analisadas sob o ponto de vista do neto adolescente. A recolha dos dados efetivou-se junto de 70 netos adolescentes, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M=15,8$), alunos do 10º ano de escolaridade numa instituição pública.

De um modo geral, os resultados proporcionaram uma visão positiva da relação dos netos adolescentes com os seus avós. Os netos veem os seus avós como pessoas experientes, a quem podem recorrer sempre que precisam de ajuda, a um nível instrumental e/ou emocional. Os avós da linhagem materna surgiram como os mais significativos para cerca de metade dos netos, aqueles com quem estes estabelecem um maior contacto, destacando-se a avó materna, eleita a figura favorita. A distância geográfica emergiu como uma variável que dificulta o contacto entre os netos e os avós. O papel dos pais na relação avós-netos foi visto pelos netos como apoiante e facilitador do contacto. Para a generalidade dos netos, a perceção da figura dos avós evoluiu com o passar dos anos, assim como a natureza da relação entre estes, caracterizando-se atualmente como de maior compreensão e respeito, onde a figura dos avós é mais valorizada.

Palavras-chave: relações intergeracionais; família; avós; netos; adolescência.

Abstract

In the last decades intergenerational relationships have been given special attention by the investigation area, acquiring greater importance as a theme. The study of family models, in special the relationship between grandparents and grandchildren, has emerged as a fundamental mark in the understanding of human development. The larger number of individuals that play the role of grandparents empowers a greater intergenerational coexistence and allows an approach to younger generations - the grandchildren - tracking their development.

This is an exploratory study, where the relationships between grandparents and adolescent grandchildren are approached, from the point of view of the grandchildren, using a qualitative methodology - content analysis. This investigation consists in the analysis of some predictor variables, like grandchildren sex, grandparents' lineage, frequency of contact, geographic distance and parents' role as mediators. The favorite grandparent, the grandparents' influence, the contribution given by grandparents to the family and the conception of ideal grandparents were other questions analyzed from the point of view of the adolescent grandchildren. The data was collected from 70 adolescents grandchildren, with ages between 15 and 18 years old ($M=15,8$), students from the tenth grade in a public institution.

In general, the results show a positive view of the relationship between adolescent grandchildren and their grandparents. The grandchildren see their grandparents as experienced people, who they can turn to whenever they need help, in an instrumental and/or emotional level. The grandparents from the maternal lineage emerged as the most significant figures to grandchildren, the one they establish greater contact with, highlighting the maternal grandmother, chosen as the favorite. The geographic distance emerged as a variable that makes more difficult. The parents role in the grandparents-grandchildren relationship was noticed by the grandchildren as supportive and facilitator of contact. In general, the perception of the grandparents figure evolved as the years passed, as well as the nature of the relationship, being nowadays of more understanding and respect, where the grandparents figure is more appreciated.

Key-words: intergenerational relationships; family; grandparents; grandchildren; adolescence.

Résumé

Dans les dernières décennies, les relations intergénérationnelles ont pris de l'importance dans le domaine de l'investigation, constituant ainsi un sujet d'intérêt croissant. L'étude des dynamiques familiales, plus précisément l'étude de la relation entre grands-parents et leurs petits-enfants, émerge comme un symbole fondamental dans la compréhension du développement humain. La majorité des individus dans la condition de grands-parents profitent d'une plus grande convivialité intergénérationnelle, ce qui leur permet de se rapprocher des générations plus jeunes en les guidant tout au long de leur parcours de développement.

Cette recherche exploratoire porte sur les relations intergénérationnelles entre les grands-parents et les petits-enfants adolescents, perçues par les petits-enfants, en ayant recours à une méthodologie qualitative - l'analyse de contenu. Les objectifs de l'investigation, comprennent l'analyse de plusieurs variables qui mesurent la qualité de la relation entre les grands-parents et leurs petits-enfants, tels que le sexe des petits-enfants, la lignée des grands-parents, la fréquence des contacts, la distance géographique et le rôle de médiation des parents. La figure préférée, l'influence des grands-parents, leur contribution dans la famille et la conception idéale des grands-parents, ont été d'autres questions analysées dans cette étude. La collecte des données a été effectuée auprès de 70 adolescents, dont l'âge est comprise entre 15 et 18 ans ($M=15,8$), élèves de seconde dans une institution scolaire publique.

D'une façon générale, les résultats démontrent une vision positive de la relation entre les petits-enfants adolescents et leurs grands-parents. Les petits-enfants voient leurs grands-parents comme des adultes expérimentés à qui ils peuvent se confier. Les grands-parents en ligne maternelle directe émergent comme les plus significatifs, ayant élu la grand-mère maternelle comme la personnalité favorite. La distance géographique émerge comme une variable qui rend difficile le contact entre les petits-enfants et leurs grands-parents. Le rôle des parents dans la relation entre petits-enfants avec ses grands-parents est perçu par les petits-enfants comme un facteur partisan et qui facilite le contact. Pour la plupart des petits-enfants, la perception de la figure grand-parentale évolue dans le temps, tout comme la nature des relations entre eux, caractérisée actuellement comme de grand respect et compréhension, où les grands-parents sont valorisés.

Mots-clefs: Relations intergénérationnelles; famille; grands-parents; petits-enfants; adolescence.

Índice

Introdução	1
Parte I – Contextualização teórica	3
1. A Grandeparentalidade	4
Variáveis influentes na qualidade das relações avós-netos	6
2. Relações avós-netos adolescentes	11
Parte II- Estudo empírico	16
Objetivos e hipóteses de investigação	17
Metodologia.....	20
Resultados.....	23
Discussão dos resultados	29
Conclusão	36
Referências bibliográficas	40
Anexos	42

Introdução

Apesar de os primeiros estudos sobre as relações intergeracionais datarem dos anos quarenta do século XX, e de muito se ter aprendido até aos dias de hoje sobre a grandeparentalidade (papel que os avós assumem na vida dos netos), muito ainda há para descobrir, dado que a investigação nesta área reflete a influência ao nível das estruturas sociais e históricas. Numa sociedade cada vez mais envelhecida, urge saber mais acerca da forma como as gerações mais novas se relacionam com as gerações mais velhas, e, concretamente, urge saber mais acerca das relações que os netos estabelecem com os seus avós, uma vez que a maioria dos avós sobreviverá para além da infância dos seus netos, podendo influenciar o seu percurso desenvolvimental. A apoiar este facto estão as investigações recentes sobre a experiência de ser *neto adolescente*, que retratam cada vez mais os avós como figuras significativas no desenvolvimento dos netos, auxiliando-os na procura da sua identidade, ao mesmo tempo que congregam a família e fomentam as boas relações entre todos os membros.

O objetivo do presente estudo assume o compromisso de contribuir para alargar, a um nível teórico, o que atualmente é conhecido no âmbito da investigação, sobre a relação entre netos adolescentes e seus avós. Assim, o estudo define-se com uma intenção de carácter exploratório, num tipo particular de população, recorrendo a uma metodologia qualitativa - a análise de conteúdo. Especificamente, pretende-se explorar algumas das variáveis apontadas na literatura como influentes na qualidade da relação-netos, tais como o *sexo dos netos*, a *linhagem dos avós*, a *frequência do contacto*, a *distância geográfica* ou o *papel da mediação dos pais*, analisando os dados sob o ponto de vista do neto adolescente.

Na primeira parte da presente dissertação, será desenvolvido o enquadramento teórico subjacente à investigação. A contextualização teórica, abordará, primeiramente, a grandeparentalidade e as variáveis influentes na qualidade das relações avós-netos, ao que se seguirá uma exploração mais aprofundada das relações dos netos adolescentes com os seus avós.

Na segunda parte do presente estudo serão descritas e analisadas as diferentes fases do contributo empírico do presente trabalho, que compreendem: a formulação de objetivos e hipóteses de investigação, os principais passos metodológicos dados, os resultados obtidos, a discussão dos resultados atentando à fundamentação teórica

exposta na primeira parte da dissertação, e a conclusão, onde se retrata, de uma forma geral, todo o estudo e se procuram lançar pistas para colmatar todas as limitações encontradas.

Parte I – Contextualização teórica

1. A Grandeparentalidade

O aumento da esperança de vida ocorrido durante o século vinte refletiu-se num maior número de indivíduos na condição de avós, emergindo um novo fenómeno (Mancini e Blieszner, 1989, *in* Smith, 1991). Os psicólogos levaram algum tempo a refletir sobre o interesse das relações para além da díade mãe-criança - a psicologia do desenvolvimento era frequentemente subordinada ao desenvolvimento da criança na relação com os seus pais, e esta visão reduzida dos processos desenvolvimentais não incluía pensar nos idosos, no papel dos avós, nas interações avós-netos (Tinsley e Parke, 1984, *in* Smith, 1991). Para além disso, existiam limitações metodológicas ao estudar os sujeitos idosos, como sendo a variável “doença”, onde se constata uma menor adequabilidade dos sujeitos (Smith, 1991). Com o aumento da esperança média de vida, a estrutura familiar modificou-se, permitindo uma maior convivência intergeracional (António, 2010; Triadó, Pinazo-Hernandis, Celdrán e Solé, 2010), acentuando-se a importância da solidariedade entre as gerações (António, 2010).

Nos últimos sessenta anos, as investigações realizadas sobre os avós têm-se centrado essencialmente nos EUA, refletindo as grandes mudanças sociais ocorridas neste período (António, 2010), como a nova tendência desagregadora da família tradicional nos anos setenta (aumento do número de divórcios, da gravidez de adolescentes, de famílias monoparentais), em que os avós ganharam terreno no papel de *rescuers* das famílias tradicionais em crise (*idem*, 2010). Estudos mais recentes (anos noventa) adotam as perspetivas teóricas que derivam, entre outras, da teoria do ciclo da vida (Rossi e Rossi, 1990, *in* António, 2010) e da ecologia (King e Elder, 1995, *in* António, 2010), dado que um processo desenvolvimental não ocorre de forma unilateral e a interação avós-netos proporciona oportunidades de desenvolvimento para ambos os participantes da relação (Veleda, Neves, Baisch, Vaz, Santos e Soares, 2006). A teoria dos sistemas ecológicos postula que as crianças influenciam e são influenciadas pelos ambientes proximais e distais nos quais estão inseridas, sendo a família o mais importante (Dolbin-MacNab e Keiley, 2009). As teorias dos sistemas familiares sugerem que a relação de suporte entre avós e netos está relacionada com uma melhor adaptação sócio-emocional da criança/adolescente (Barnett, Scaramella, Neppl, Ontai e Conger, 2010; Domingos, 2008).

A maior aproximação e participação dos avós na vida dos netos apresenta-se carregada de significados e características próprias de um relacionamento

intergeracional que pode proporcionar vivências e experiências únicas, tanto para os mais novos, como para os mais velhos (Veleda *et al.*, 2006).

Os preconceitos etários são generalizações abusivas sobre a fase da vida em que somos mais heterogêneos e são reforçados pela exposição seletiva a idosos em determinadas condições - a avaliação que fazemos dos mais velhos baseia-se na sua idade cronológica, descurando assim, a sua educação, classe género, raça, etnia, profissão e saúde (Lima, 2004). O relacionamento dos jovens com os mais velhos, e particularmente dos avós com os seus netos, pode auxiliar na redução dos preconceitos relacionados com a velhice (Oliveira, 2003, *in* Veleda *et al.*, 2006) que marcam sobretudo as sociedades ocidentais desenvolvidas (Barros, 2008). Settin (1982, *in* Lima, 2004) verificou que, para a generalidade das crianças, a definição de idoso era composta por características negativas do tipo “são maus, feios, bruxas”, enquanto, pelo contrário, a definição de avós era positiva, “são maravilhosas, meus amigos, dão prendas”. Smith (1991), considera ter existido uma redução dos estereótipos e papéis tradicionais dos avós (velhos e frágeis) ao longo do tempo, ilustrada nas histórias para crianças dos anos oitenta. Sousa e Cerqueira (2006), ao conduzirem um estudo exploratório que pretendia obter um maior conhecimento acerca das imagens da velhice, verificaram que era o grupo dos adolescentes, que mais destacava a imagem de *maturidade* e concluíram que tal se poderia dever à imagem de idoso de avô ou avó com quem se relacionavam.

Em geral, os avós têm uma importância diferenciada e significativa para os mais novos (Veleda *et al.*, 2006). Os netos costumam descrever a relação com os avós como um relacionamento de amor incondicional, respeito, amizade e confiança (Kemp, 2005, *in* Veleda *et al.*, 2006), significando-os como a raiz de tudo, seus segundos pais, possuindo sabedoria e experiência de vida, pessoas por quem têm respeito (Dias e Silva, 2003). São fonte de apoio emocional ou instrumental (Araújo e Dias, 2002). Na percepção dos avós os aspetos que têm mais peso são a relação intergeracional e os vínculos entre ambos (Triadó, Villar, Solé, Osuna e Celdrán, 2006, *in* Almeida, 2008)

Ainda no que respeita à avaliação da percepção da relação avós-netos de uma perspectiva bilateral, um novo conceito emerge, o de *fosso intergeracional*. As teorias do *fosso intergeracional* indicam uma tendência das gerações mais velhas para pontuarem a relação de forma mais favorável comparativamente às mais novas (Silverstein, Giarusso e Bengston, 1998). Alguns estudos verificaram uma inversão dos papéis, com

os netos a terem uma percepção mais positiva da relação do que os avós (Queirós, 2005; Triadó *et al.*, 2010).

Neugarten e Weinstein (1964, *in* Almeida, 2008) delinearam cinco estilos de grandeparentalidade no que concerne ao papel dos avós: o *formal*, demarcando as suas responsabilidades das responsabilidades dos pais; o *à procura de prazer*, enfatizando a brincadeira; o *pai substituto*, responsabilizando-se pelos cuidados primários dos netos; o *fonte de sabedoria*, provedor de conhecimentos e recursos; o *distante*, relacionando-se com a frequência de contacto estabelecido com os netos, sendo este reservado para férias ou ocasiões especiais. Mais tarde, Barranti (1985) afirmou que a relação dos avós com os seus netos está predominantemente dirigida para o tipo de papel caloroso e amigável, sofrendo uma alteração considerável de autoridade e poder, para igualdade amigável.

Variáveis influentes na qualidade das relações avós-netos

A qualidade do envolvimento avós-netos é influenciada por diversas variáveis, de entre as quais se encontram a **idade** (Dias e Silva, 2003; Domingos, 2008; Kahana e Kahana, 1970; Kornhaber, 1996; Thomas, 1986; Triadó, Martinez e Villar, 2000; Tyskova, 1991) quer dos netos, quer dos avós; o **sexo** (Dias e Silva, 2003; Domingos, 2008; Queirós, 2005; Spitze e Ward, 1998; Triadó *et al.*, 2000) quer dos avós, quer dos netos; a **distância geográfica** (Almeida, 2008; Dias e Silva, 1999; Domingos, 2008); a **frequência do contato** (Dias e Silva, 2003; Dolbin-MacNab e Keiley, 2009; Domingos, 2008; Queirós, 2005; Ross, Hill, Swetting, e Cunningham-Burley, 2003/2004); a **linhagem familiar** de que precedem os avós (António, 2010; Dias e Silva, 2003; Domingos, 2008; Ross *et al.*, 2003/2004; Triadó *et al.*, 2000; Queirós, 2005; Triadó *et al.*, 2010); o **papel da mediação dos pais** (Chan e Elder, 2000; Dias e Silva, 2003; Queirós, 2005; Triadó *et al.*, 2010); a **urbanização** (Smith, 1991; King, Russell e Elder, 1998).

No que concerne à variável **idade dos netos**, esta parece condicionar as interações entre avós e netos, **alterando a natureza da relação** ao longo do tempo. Kahana e Kahana (1970), verificaram, através dos resultados do seu estudo, que a percepção que os netos têm dos avós varia com a idade, na medida em que as crianças mais novas (4-5 anos) tendem a ver os seus avós como aqueles que lhes satisfazem as

vontades centrando-se em dimensões mais concretas, e posteriormente como aqueles com quem realizam atividades (8-9 anos), enquanto crianças mais velhas (11- 12 anos) pontuam a relação com estes como mais distante. Ao abordar a relação do ponto de vista do neto adolescente, Tyskova (1991), concluiu que as conversas com os avós eram particularmente importantes nesta etapa da vida do neto, realizando-se estas numa atmosfera de paz, compreensão e tolerância. Segundo Smith (1995) (*in*, Triadó *et al.*, 2000), os avós são procurados pelos adolescentes pela sua vertente de conselheiros, fontes de apoio, ou tão somente de ouvido atento e compreensivo, diminuindo o apoio instrumental que parece caracterizar a fase da infância (Creasey e Koblewski, 1991, *in* Domingos, 2008; Triadó *et al.*, 2000). Alguns adolescentes revelaram passar mais tempo com os amigos, a estudar, ou a trabalhar, embora tenham referido que a proximidade com os seus avós se manteve, apesar da diminuição do contacto (Ross *et al.*, 2003/2004).

A **idade dos avós** é um fator que também parece condicionar as interações entre avós e netos. Avós mais velhos mencionam com menos frequência a prestação de ajuda e mais frequentemente o desejo de pedir e receber ajuda por parte dos seus netos (Triadó *et al.*, 2000). No estudo de Thomas (1986) os avós (masculino) mais novos sentiam-se mais responsáveis por disciplinar, cuidar e aconselhar os netos, evidenciando, contudo, menor satisfação com o seu papel do que as avós (Thomas, 1994, *in* Kornhaber, 1996).

No que concerne à variável **sexo dos netos**, mais concretamente ao género dos netos adolescentes, Triadó *et al.*, (2000) concluíram que os netos pontuaram mais os seus avós como figuras distantes, comparativamente às netas, que pontuaram dimensões mais afetivas da relação, tendo concluído estes autores, que os avós se constituem figuras significativas, especialmente para as netas. Domingos (2008), verificou que existiam diferenças significativas entre netos e netas na *dimensão afetiva* do seu instrumento, sendo que estas apresentavam um maior envolvimento e afetividade com os seus avós.. Num estudo realizado por Dias e Silva (2003) com netos universitários, foram encontradas diferenças entre netas e netos nas variáveis *significado, atividades, contribuição dada pelos avós à família e características dos avós ideais*. Dubas (2011), verificou que o género estava relacionado com a proximidade e importância que os jovens adultos atribuíam à relação com os seus avós, com as netas a sentirem-se mais próximas das suas avós, e os netos dos seus avós (masculino).

Relativamente ao **sexo dos avós**, enquanto Domingos (2008) não encontrou diferenças significativas nas percepções dos netos tendo em conta o sexo dos avós, outros estudos (Dias e Silva, 2003; Queirós, 2005), dão vantagem à avó, independentemente da linhagem (materna ou paterna). As atividades desempenhadas com os avós também parecem refletir papéis de género mais tradicionais, consoante o sexo dos avós, com as avós a envolverem-se em atividades mais calorosas e expressivas, e os avós em atividades do tipo instrumental (Spitze e Ward, 1998), podendo os avós ser mais formais e as avós mais informais e orientadas para a afetividade (McCready, 1985 *in*, Spitze e Ward, 1998).

A **distância geográfica** é também uma variável a ter em conta nas relações avós-netos. Alguns estudos apontam que a distância geográfica pode dificultar a relação dos netos com os seus avós, conduzindo à realização de um menor número de atividades em conjunto (Dias e Silva, 1999), sendo que aqueles que mantêm uma relação de maior proximidade coincidem com os que vivem mais perto (Smith, 1995, *in* Almeida, 2008). Noutros estudos, como o de Domingos (2008), a distância geográfica não foi apontada como uma variável condicionante na relação entre avós e netos adolescentes.

A **frequência do contacto** é tida como uma variável influente na intimidade das relações entre avós e netos, uma vez que facilita a formação de uma proximidade emocional e a construção de laços fortes ao longo do tempo (Ross *et al.*, 2003/2004). Resultados de pesquisas têm demonstrado, de uma forma genérica, que o contacto entre avós e netos é razoavelmente *frequente* (Smith, 1991, *in* Queirós, 2005). A frequência de contacto com os avós na adolescência diminui (Domingos, 2008), fruto de mudanças sociais como o aumento da importância do grupo de pares, nesta fase da vida dos netos (Rast, Verschueren e Marcoen, 1995, *in* Domingos, 2008). O tipo de contacto (pessoal ou fazendo uso dos meios de comunicação) pode determinar a qualidade da relação (Domingos, 2008). Dias e Silva (2003) verificaram que os netos universitários apontaram como atividades mais frequentemente realizadas com os avós, *conversar, visitar, ouvir as histórias e experiências dos avós, almoçar, telefonar e dar presentes*.

O **tempo passado** com o cuidador pode ser uma variável de contexto influente, uma vez que os netos podem ter laços fortes com os seus avós quando viveram com eles a maior parte das suas vidas (Dolbin-MacNab e Keiley, 2009).

A **linhagem familiar** é também uma variável influente na proximidade da relação avós-netos. No estudo de Queirós (2005), as avós maternas foram percebidas de forma mais favorável pelos seus netos de 8 anos. Os netos universitários do estudo de Dias e Silva (2003) destacaram maioritariamente a avó materna (seguindo-se a avó paterna) como a figura preferida de entre os quatro avós, apontando como razão principal para a preferência, o maior convívio com esta. Ross *et al.*, (2003/2004) verificaram que 48% dos netos adolescentes participantes do seu estudo escolheram uma avó como a figura de quem se sentiam mais próximos, enquanto apenas 11% escolheram um avô. Domingos (2008) encontrou diferenças na *dimensão associacional* da relação entre avós e netos, verificando que os avós maternos têm contactos mais frequentes com os netos adolescentes e partilham um maior número de atividades. Triadó *et al.*, (2000), concluíram, também sob a perspetiva dos netos adolescentes, que os avós da linha paterna surgem como figuras mais distantes comparativamente com os avós da linha materna, com os quais os netos têm uma relação de maior proximidade.

Num estudo recente de Triadó *et al.*, (2010), os autores verificaram que os netos adolescentes atribuíam pontuações mais elevadas aos indicadores da relação *contacto face-a-face, contacto por telefone, atividades partilhadas, sentimento de segurança, conhecimento mútuo, confiança mútua, e avó cuidador*, quando se reportavam aos avós maternos. Evidencia-se assim em muitos estudos, uma **vantagem matrilinear** (António, 2010), que poderá ser explicada segundo Chan e Elder (2000), pela maior proximidade que as mães têm com os avós maternos (seus progenitores), constituindo-se estes como *recursos latentes* na vida dos netos. A apoiar esta hipótese, estão os resultados do estudo de Ross *et al.*, (2003/2004), onde os netos participantes referiram a importância da relação que as suas mães estabeleciam com a sua avó materna, resultando num contacto mais regular com os seus avós maternos.

O **papel da mediação dos pais** na relação avós-netos, é outra das variáveis a influenciar a qualidade do relacionamento. King e Elder (1995) (*in* Triadó *et al.*, 2010), consideram que a relação entre avós e netos pode enfraquecer se os pais tendiam a atuar como uma ponte entre as gerações. Esta situação pode ocorrer particularmente no período da adolescência, dado que à medida que os netos ganham independência, a relação não está tão dependente da geração intermédia, tornando-se mais voluntária (Triadó *et al.*, 2010). Segundo os resultados do estudo de Dias e Silva (2003), no que reportava à variável *mediação dos pais* no relacionamento dos netos com os seus avós,

estes consideraram que os seus pais sempre incentivaram o relacionamento. Não obstante o poder dos pais na diáde, avós e netos parecem agir de forma relativamente independente da geração intermédia no que se refere ao desenvolvimento de uma relação significativa (Dias e Silva, 2003; Mueller, Elder e Glen, 2003, *in* Queirós, 2005). No estudo de Ross *et al.*, (2003/2004), e sob a perspectiva dos avós, estes entendem que não devem interferir na educação que os filhos dão aos seus netos, não tomando partido nas discussões, sendo importante manter boas relações entre as gerações.

A **urbanização** é outra das variáveis a influenciar a qualidade da relação avós-netos (Smith, 1991). Nos meios rurais, é comum as gerações viverem perto umas das outras, contrariamente ao que acontece na cidade (Smith, 1991). Cherlin e Furstenberg, (1986, *in* King, Russell e Elder, 1998), verificaram que os avós a viver nas áreas rurais veem os seus netos mais frequentemente do que os avós das áreas urbanas, mesmo tendo em conta a variável da proximidade. Estes autores sugeriram que as famílias rurais compreendem valores que levam a um maior contacto social e assistência mútua, comparativamente às famílias das áreas urbanas.

2. Relações avós-netos adolescentes

Poucos estudos têm enfatizado a visão dos netos na relação que estes estabelecem com os seus avós, sendo que a maioria descreve dimensões gerais das relações avós-netos, ao invés de fornecer uma classificação da qualidade do relacionamento, por exemplo, sob a perspectiva do neto adolescente (Michels, Albert e Ferring, 2011).

A adolescência é um tempo de transição entre a infância e a adultez, envolvendo mudanças significativas a nível físico, cognitivo e social (Dolbin-McNab e Keiley, 2009; Harter, 1999, *in* Almeida, 2008). Várias características da adolescência - que se inicia por volta dos 11 anos e termina por volta dos 18 anos (Arnett, 2000, *in* Dolbin-McNab e Keiley, 2009) - comportam sérias implicações na forma como os adolescentes navegam na sua interdependência com os seus pais e avós. O desejo dos adolescentes pela autonomia, que cresce desde tenra idade (11-14 anos), pode contribuir para o surgimento de conflitos entre pais e filhos (Dolbin-McNab e Keiley, 2009), assumindo-se os avós como figuras de suporte nas quais os adolescentes podem confiar (Crosnoe e Elder, 2002, *in* Almeida, 2008). Outra importante tarefa desenvolvimental da adolescência é adquirir um sentido diferenciado de si caracterizado pela unidade e continuidade. Os avós, enquanto fonte de conhecimento sobre as raízes culturais e familiares, podem proporcionar um sentido de segurança aos adolescentes, auxiliando-os na procura da sua identidade (Baranowski, 1982, *in* Cunha, 2008).

O início da adolescência é um dos acontecimentos de vida que causa maior impacto na natureza da relação entre avós e netos (Triadó *et al.*, 2010) - novos interesses vocacionais, a importância do grupo de pares, o aparecimento das primeiras relações românticas, podem levar os adolescentes a sacrificar em certa medida os laços familiares, especialmente, com os avós (Roberto e Stroes, 1992, *in* Triadó *et al.*, 2010; Tyskova, 1991). A frequência e a intensidade das relações avós-netos na adolescência não está tão dependente da geração intermédia, tornando-se mais voluntária (Triadó *et al.*, 2010), e o surgimento de novas formas de socialização como a *internet*, não incitam o convívio continuado com os avós (Sampaio, 2008, *in* Almeida, 2008). Luescher e Pillemer (1998, *in* Michels, Albert e Ferring, 2011) introduziram o conceito de ambivalência para caracterizar as dinâmicas de simultânea atração e repulsão nas famílias. Por um lado, a ambivalência descreve a incompatibilidade resultante das estruturas sociais e dos sistemas de papéis dos indivíduos (ambivalência sociológica),

por outro, a ambivalência aborda a ocorrência de sentimentos e comportamentos opostos (ambivalência psicológica). As transições durante o ciclo de vida são suscetíveis de provocar ambivalência nas relações intergeracionais, uma vez que podem estar associadas normas, expectativas, tarefas, comportamentos e sentimentos incompatíveis (Luescher e Pillemer (1998, *in* Michels, Albert e Ferring, 2011). Assim, as transições desenvolvimentais na adolescência podem implicar, simultaneamente, aspetos positivos, como a oportunidade para a vinculação e suporte intergeracional, e aspetos negativos, como os conflitos e a tensão entre as gerações (Michels, Albert e Ferring, 2011). Contudo, o impacto da adolescência nas relações avós-netos é ainda incerto (Triadó *et al.*, 2010).

O padrão da mudança na natureza da relação avós-netos na etapa da adolescência, refletido nalguns estudos, é o de que existe um declínio nas dimensões superficiais da frequência do contacto e atividades partilhadas, mantendo-se, no entanto, as dimensões de proximidade e intimidade estáveis (Battistelli e Farneti, 1991; Domingos, 2008; Ross *et al.*, 2005; Taylor, Robila e Lee, 2005, *in* Triadó *et al.*, 2010; Triadó *et al.*, 2010).

Ross e colaboradores, (2003/2004), levaram a cabo um estudo exploratório com netos adolescentes (10-14; 15-19) e seus avós, visando compreender a natureza e as implicações da relação evolutiva. Concluíram que o papel chave que os avós desempenham nesta etapa de vida dos netos é o de *ouvinte*, a ideia de que eles estarão *sempre lá* para eles, referindo-se aos mesmos como *segundos pais*. Os avós são também vistos pelos netos como transportadores da história da família, do seu património e tradição, como contadores de histórias que mantêm os netos conscientes da cultura familiar, sendo uma *ponte para o passado*. Para os netos adolescentes, os avós constituem-se ainda como um elo de ligação à família alargada, mostrando-se ativos em manter conjuntos mais vastos de parentes ligados. Sob a perspetiva dos avós, a alteração da frequência do contacto com os netos foi vista como relacionada com a etapa da vida em que os netos se encontram, como uma mudança natural, em que os netos têm direito a passar mais tempo fora de casa. Sob a perspetiva dos netos adolescentes, este contacto é mais fácil de manter se o local de residência dos avós se situar na sua *paisagem social*, incorporada nas suas rotinas diárias, como visitar amigos. Nas relações baseadas em visitas familiares, os netos indicaram que a frequência do contacto foi diminuindo ao longo dos anos.

Estudos recentes como o de Triadó *et al.*, (2010), e ao comparar as percepções de avós e netos adolescentes relativamente às variáveis preditoras da relação, *frequência de contacto, atividades partilhadas, proximidade, e estilo de grandeparentalidade*, verificaram que os adolescentes veem a relação como mais estável ao longo do tempo, atribuindo diferenças apenas ao nível das atividades de lazer partilhadas e ao estilo do avô/ó como cuidador, que parecem diminuir significativamente à medida que estes crescem. Estas mudanças, contudo, não parecem implicar qualquer tipo de alienação emocional para os adolescentes, que avaliaram a relação com os seus avós de forma mais otimista que estes.

Os resultados de Domingos (2008), foram de encontro aos resultados dos autores citados anteriormente, verificando-se que os netos adolescentes têm uma percepção superior nas dimensões *estrutural, associacional, funcional e afetiva* da relação, comparativamente aos seus avós, existindo uma tendência para os verem como fundadores da família e guardiões da história, atribuindo à relação uma dimensão maioritariamente afetiva.

Battistelli e Farneti (1991) verificaram que apesar de existir um julgamento mais realístico das características pessoais dos avós por parte dos adolescentes (comparativamente a crianças e pré-adolescentes), este não impede a permanência de uma imagem dos primeiros ao nível do padrão afetivo, como suporte para a ambivalência e precariedade do processo de separação que toma lugar nesta altura. Assim, os avós teriam um papel de *transição*, no sentido em que protegem o adolescente das ansiedades e das hesitações do processo de separação, confirmando ao mesmo tempo os seus padrões antigos de vinculação (*ibidem*, 1991). Segundo os autores, a vinculação é particularmente estabelecida com os avós maternos, e não só persiste como se torna mais forte com o tempo, tendo raízes profundas na infância e nos hábitos da relação. Já Baranowski (1982, *in* Domingos, 2008) havia considerado que os adolescentes se focam no valor pessoal dos avós, embora criticando as suas falhas e demonstrando um pensamento mais abstrato e diferenciado, enquanto as crianças se centram nas dimensões mais concretas e mais tangíveis da relação.

Outros estudos contrariam a hipótese que o padrão de mudança nas relações avós-netos durante a fase da adolescência, se dê apenas ao nível de dimensões

superficiais (Dias e Silva 2003; Michels, Albert e Ferring, 2011; Triadó *et al.*, 2000; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005).

Michels, Albert e Ferring (2011), ao investigar, sob a perspectiva de adolescentes e adultos, os tipos de relações que podiam emergir nas relações avós-netos, tendo por referência os encontrados nas relações entre filhos adultos e seus pais (positivo, tenso, desconectado, ambivalente) e analisando a linhagem dos avós, observaram, que os netos se sentiam mais próximos dos avós da linhagem materna, apesar de ser nas relações com estes que a ambivalência psicológica (aparecimento de emoções positivas e negativas) se manifestava. Os adolescentes relataram relações de proximidade emocional (amigáveis ou ambivalentes) com os seus avós maternos, e relações desconectadas ou desarmoniosas com os seus avós paternos. Os autores concluíram que as relações avós-netos não podem ser descritas apenas como positivas ou negativas, uma vez que padrões mais complexos podem ser observados, como uma relação ambivalente caracterizada por um alto nível de apoio recebido. O apoio recebido pelos avós pode contrariar as aspirações dos jovens pela autonomia, e estas inconsistências entre a autonomia e a dependência podem gerar emoções ambivalentes.

Triadó *et al.*, (2005), verificaram, através dos resultados do seu estudo, que apesar de avós e seus netos adolescentes apreciarem a relação, o nível de compreensão mútua e intimidade não era muito elevado sob a perspectiva de ambos, sugerindo que esta etapa da vida dos netos implica um declínio na afetividade nas relações com os avós. Triadó *et al.*, (2000), concluíram que com o passar dos anos os avós deixam de ser *atores principais* para passarem a ser cada vez mais *atores secundários*, sendo considerados figuras distantes, com escassas funções, mais *teóricas*.

No estudo de Dias e Silva (2003), os netos universitários participantes referiram que ocorreu um certo afastamento entre estes e os seus avós durante a fase da adolescência. Os autores levaram a cabo um estudo com netos universitários ($M=21,9$), visando investigar, não só como os avós eram percebidos pelos seus netos adultos, mas também de forma a estabelecer uma comparação entre o sexo dos netos. As variáveis estudadas incluíram: o *significado dos avós*, a sua *influência* na vida dos netos, a *mediação dos pais*, *atividades realizadas*, *preferência* e *motivos* desta por algum dos avós, *avaliação da relação*, *contribuição dada à família*, *diferenças percebidas entre os avós e pais* e as características dos *avós ideais*.

Relativamente ao *significado* que os avós têm para os netos universitários, as autoras constataram que as categorias predominantes foram a sabedoria e a experiência de vida, respeito, afeto/carinho, raiz de tudo e origem da família. Apesar de as diferenças entre os sexos não terem sido significativas, é de salientar que foi a sabedoria e a experiência de vida, o significado mais relevante atribuído pelos netos, enquanto para as netas o mais importante foi o facto de os avós serem pessoas dignas de respeito. A *influência* que se destacou na vida dos netos perpassa o aspeto emocional - ajudam em momentos difíceis e são exemplos de fidelidade e amor no casamento - para ambos os sexos. No que toca às *atividades realizadas* com os avós, predominaram as conversas, visitas, ouvir as histórias e experiências dos avós, almoçar, telefonar e dar presentes. As netas referiram como atividade que mais realizavam, *conversar*, enquanto os netos assinalaram as visitas onde podiam ouvir as suas histórias. A *mediação dos pais* no relacionamento dos netos universitários com os seus avós, destacou-se pela positiva, uma vez que os netos de ambos os sexos perceberam os seus pais como facilitadores da relação. A *preferência* por um dos avós recaiu sobre a avó materna em ambos os sexos, sendo o avô paterno, o menos preferido. Em destaque acerca dos *motivos da preferência* está o facto de a convivência ser ou ter sido maior com esse/a avô/ó. A *avaliação* feita acerca do relacionamento mantido pelos jovens com os seus avós foi a de que ele sempre foi bom. No que toca à variável *contribuição dada à família*, as netas assinalaram que os avós contribuíram com a educação dada aos pais, enquanto os netos evidenciaram que estes tinham ajudado na sua criação. As *diferenças percebidas entre os pais e os avós*, devem-se, para ambos os sexos, às diferenças de cultura, valores e modos de pensar. Estes são mais calmos e experientes que os pais, para paparicar são melhores e possuem menos responsabilidades que os pais. Finalmente, e no que respeita à caracterização do *avô ideal*, as características predominantes para as netas foram o *amor/carinho*, enquanto os rapazes valorizaram a *abertura/diálogo/comunicação*. A literatura mostra que a conceção de um jovem adulto sobre um (a) avô (a) ideal compreendeu a de serem pessoas amorosas, disponíveis, amigas, comunicativas, ativas, engraçadas, espertas e mansas (Robertson, 1976 *in*, Dias e Silva, 2003).

Parte II- Estudo empírico

Objetivos e hipóteses de investigação

Na primeira parte deste trabalho foi apresentada uma contextualização teórica que pretendia ilustrar a importância das relações intergeracionais no seio da família, particularmente a importância da relação avós-netos, que apenas começou a destacar-se como objecto de estudo nas últimas décadas (António, 2010; Domingos, 2008).

Deste modo, e sendo a grandeparentalidade uma experiência cada vez mais normativa (Domingos, 2008), o principal objeto de estudo do presente trabalho visa compreender como se caracterizam os laços familiares que unem avós e netos.

Partindo do princípio que ocorre uma alteração na natureza da relação avós-netos a par das mudanças das necessidades desenvolvimentais dos netos (Kahana e Kahana, 1970), e dado que o início da adolescência é um tempo de transição que envolve mudanças significativas a nível físico, cognitivo e social (Dolbin-McNab e Keiley, 2009), causando um maior impacto na natureza da relação entre avós e netos (Triadó *et al.*, 2010), optou-se por delimitar este período desenvolvimental específico dos netos como objeto de estudo. Ao compreender, no mesmo estudo, netos em diferentes períodos desenvolvimentais, explorar-se-iam relações com significados diferenciados, o que requereria uma formulação das questões de investigação mais complexa. Optou-se ainda por analisar a natureza da relação entre avós e netos, apenas sob a perspectiva dos netos, devido à dificuldade em encontrar avós que preenchessem os critérios necessários à realização do presente estudo, como por exemplo, o serem pessoas com um nível de instrução considerável. Um outro critério de seleção da amostra prendeu-se com a variável sexo dos netos, tendo havido o cuidado de selecionar uma amostra equilibrada em termos de sexo, de forma a incluir esta variável nalgumas das questões a estudar. Note-se, contudo, que a análise quantitativa dos dados não compreendeu o valor de significância, não visando o presente estudo, estabelecer comparações de ordem significativa.

Por conseguinte, e tendo em conta algumas das variáveis influentes na qualidade da relação avós-netos expostas no capítulo anterior, definem-se como objetivos específicos deste trabalho: **a)** verificar se os netos adolescentes possuem uma figura favorita de entre os seus avós, relacionando a preferência com a linhagem dos avós e analisando os motivos que justificam essa preferência; **b)** perceber que tipos de atividades as adolescentes realizam com os seus avós, e analisar se estas divergem

consoante o sexo do neto; **c)** perceber de que forma os adolescentes são influenciados por cada um dos seus avós; **d)** perceber se existiu uma alteração da ideia da figura dos avós ao longo do crescimento dos netos; **e)** perceber como os netos adolescentes veem o papel dos seus pais na relação que estes estabelecem com os seus avós; **f)** verificar quais os tipos de contributo que os netos adolescentes julgam serem dados pelos seus avós à família, e verificar se estes divergem consoante o sexo do neto; **g)** enunciar as características dos avós ideias na conceção dos netos adolescentes, e perceber se de alguma forma estas divergem entre os sexos; **h)** verificar se um contacto pouco frequente entre avós e netos se relaciona com a distância geográfica a que estes se encontram.

O presente trabalho visa, ainda, através de uma abordagem qualitativa, alargar o conhecimento científico conhecido até então acerca das relações avós-netos adolescentes, dando um contributo para que se possa doravante validar alguns conceitos, e/ou encontrar novas respostas para as questões aqui levantadas.

Hipóteses de investigação

De acordo com a contextualização teórica apresentada na primeira parte do presente estudo, e com os objetivos de investigação acima expostos, foram formuladas oito hipóteses de investigação que de seguida se enunciam.

Hipótese 1: Espera-se que a existência de um avô favorito seja confirmada pela maioria dos sujeitos (Battistelli e Farnetti, 1991; Dias e Silva, 2003) e que a preferência recaia maioritariamente sobre a avó materna (António, 2010; Battistelli e Farnetti, 1991; Dias e Silva, 2003; Pereira, 2010; Triadó *et al.*, 2000), sendo a maior convivência o principal motivo apontado pelos netos para sustentar a preferência por um dos avós (Dias e Silva, 2003; Pereira, 2010).

Hipótese 2: Espera-se que a maioria dos sujeitos goste de realizar atividades com os seus avós, predominando no tipo de atividades realizadas as conversas (Pereira, 2010; Tyskova, 1991), os passeios e os jogos (Tyskova, 1991). Por ter sido sugerido por alguns estudos que as atividades desenvolvidas com os avós refletem os tradicionais papéis de género (Tinsley e Parke, 1987, *in* Spitze e Ward, 1998), espera-se que o tipo de atividades partilhadas com os avós divirja entre rapazes e raparigas.

Hipótese 3: Espera-se que a influência exercida por cada um dos avós seja percebida pela maioria dos netos como diferente (Roberto e Stroes, 1992, *in* Dias e Silva, 2003), seja predominantemente do tipo emocional (Dias e Silva, 2003), ao nível da personalidade (Pereira, 2010), contribuindo para a formação do carácter dos netos (Dias e Silva, 2003).

Hipótese 4: Espera-se que para a maioria dos netos, a ideia que estes têm dos seus avós tenha evoluído ao longo do crescimento (Kahana e Kahana, 1970), no sentido de uma estabilização ao nível do vínculo afetivo, não implicando qualquer tipo de alienação emocional por parte destes (Battistelli e Farnetti, 1991; Triadó *et al.*, 2010).

Hipótese 5: Espera-se que os pais apoiem e facilitem o relacionamento entre avós e netos (Dias e Silva, 2003), embora tanto os avós como os netos atuem de forma relativamente independente no que toca a desenvolver uma relação significativa (Mueller, Elder e Glen, 2003, *in* Queirós, 2005).

Hipótese 6: Espera-se que a maioria dos netos considere que os avós dão um contributo importante à família, constando nos tipos de contributo dados, a educação dada aos pais, a ajuda na sua criação, a ajuda emocional, o facto de serem elos de ligação familiar, e a ajuda financeira (Dias e Silva, 2003). Espera-se ainda que o tipo de contributo mencionado divirja consoante o sexo dos netos (*idem*, 2003).

Hipótese 7: Espera-se que a conceção de avós ideais compreenda características como o serem pessoas amorosas, abertas, amigas, comunicativas e disponíveis (Robertson, 1976, *in* Dias e Silva, 2003), e que as características apontadas como ideais, divirjam consoante o sexo do neto (Dias e Silva, 2003).

Hipótese 8: Espera-se que o principal motivo apontado pelos netos para manterem um contacto pouco frequente com os avós seja a distância geográfica a que se encontram destes (Dias e Silva, 1999).

Metodologia

1. Participantes

A amostra é constituída por 70 participantes ($n=70$), dos quais 41 são do sexo feminino (58,6%) e 29 do sexo masculino (41,4%), com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M=15,8$). Os sujeitos são alunos de quatro turmas do 10º ano de escolaridade, e residem todos no concelho de Vila Nova de Gaia. O número de avós vivos que cada participante possui é variável, sendo que 13 possuem os quatro avós vivos (18,5%), 21 três avós vivos (30%), 21 dois avós vivos (30%), e 15 um dos avós vivo (21,43%), não tendo sido este, contudo, um dos critérios de seleção da amostra. A amostra definiu-se por conveniência, encontrando-se os alunos da respetiva escola, relativamente acessíveis para colaborar na investigação.

2. Instrumentos

Utilizou-se, como primeiro instrumento, uma ficha de identificação (*cf. anexo 1*), elaborada de forma a recolher dados pertinentes para o estudo, para a posterior sistematização de informações sociodemográficas necessárias à caracterização da amostra, como a idade e o sexo dos participantes. Na ficha de identificação também se encontram os dados relativos à frequência de contacto dos netos com cada um dos avós. Os resultados quantitativos encontram-se expostos em anexo (*cf. anexo 3*).

Coerentemente com os objetivos específicos de investigação projetados, procedeu-se à construção de um pequeno questionário (*cf. anexo 2*). O questionário contém seis afirmações relacionadas com a natureza da relação avós-netos, elaboradas com base na literatura consultada. A opção pela apresentação de afirmações ao invés de questões, prendeu-se com a possibilidade de ser percebível pelos participantes, uma excessiva diretividade no emprego da segunda pessoa do singular. Assim, optou-se pela escolha de afirmações de forma a tornar a leitura mais leve, desprovida de uma, talvez, excessiva diretividade. Por cada afirmação lida, os participantes assinalavam a sua concordância ou discordância com a mesma, pelo que estas apenas exigiam da parte dos participantes, uma resposta dicotómica. O questionário elaborado visa que os participantes respondam de forma concreta consoante a questão/variável que se pretende analisar, iniciando-se, por isso, algumas das frases com “*Se respondeste sim...*”. No entanto, houve o cuidado de a maioria das questões ser formulada abertamente, sendo a sua interpretação mais direcionada para que compreendem a análise qualitativa,

possibilitando a a exploração mais detalhada do seu conteúdo (Triadó, Villar, Osuna e Celdrán, 2006 *cit in* Pereira, 2010). Não obstante constar em anexo a última versão do questionário elaborado, uma versão preliminar deste instrumento foi administrada a uma turma de alunos do 10º ano de escolaridade de uma outra instituição escolar que não a dos participantes da amostra, com o objetivo de verificar a sua adequação à população-alvo. Em virtude das dúvidas que surgiram, duas questões acabaram por ser retiradas da versão final deste instrumento.

3.Procedimento

Num primeiro momento, solicitou-se a colaboração de uma instituição do ensino público, visando facilitar o acesso à população ambicionada para a corrente investigação. Contactou-se pessoalmente com um membro do conselho pedagógico, onde este foi informado acerca da natureza do estudo, tipo de população pretendida (alunos do 10º ano, turmas relativamente grandes e heterogéneas em termos de sexo), e lhe foram facultadas cópias dos dois instrumentos necessários à recolha de dados.

Num segundo momento, e depois de conseguida a autorização para efetuar a recolha de dados pelo diretor da instituição, esta ocorreu num mesmo dia ao iniciar de cada aula, pelas quatro turmas disponíveis para participar no estudo. Foi feita uma pequena apresentação aos alunos, onde estes foram informados sobre o objeto de estudo, instrumentos a ser aplicados, tempo médio despendido (verificado através da aplicação do pré-teste), e lhes foi assegurada a confidencialidade dos dados fornecidos. Solicitou-se que procurassem dar respostas o mais completas possível, reportando-se a cada um dos seus avós nas questões que assim o objetivavam. Os participantes responderam ao questionário de investigação autonomamente num tempo médio de 30 minutos.

Uma vez que o presente trabalho pretendeu apreender dimensões subjetivas da relação avós-netos expressas pelos participantes através das respostas escritas nos questionários, a análise de conteúdo (Amado, 2000; Bardin, 1977; Vala, 1986) afigurou-se como a técnica mais indicada a utilizar no tratamento dos dados. A metodologia da análise compreendeu uma organização em três momentos: *pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados visando a inferência* (Bardin, 1977) .

Num primeiro momento, foi efetuada uma *leitura flutuante* de todas as respostas dos participantes ao questionário, a fim de sistematizar as ideias presentes através de impressões e orientações intuitivas que as respostas me permitiam. A pré-análise correspondeu à organização do *corpus* do presente trabalho.

Num segundo momento, procedeu-se à transcrição das respostas dos participantes e indicação da sua respetiva frequência, visando facilitar que as *unidades de registo* do texto (unidade básica da categorização e da contagem por frequência), pudessem apenas ser colocadas numa das subcategorias elaboradas *à posteriori*, assegurando o princípio da exclusividade (Vala, 1986). De seguida, procedeu-se novamente a uma leitura na vertical de todas as unidades de registo transcritas, visando “arrumar” a ideia que destas emergia. Depois de estarem definidas e arrumadas as unidades de registo (a ideia), e a frequência com que estas surgiam, passou-se à categorização propriamente dita. Procurou-se novamente “arrumar” o “conteúdo manifesto” numa série de subcategorias de significação (Berelson, 1964, *in* Vala, 1986).

A construção de um sistema subcategorias foi conduzido *à posteriori*, e através do processo de inferência, procurando-se, no entanto, que cada subcategoria englobasse o mais fielmente possível as respostas dos participantes. Não obstante, e uma vez que o procedimento da análise é subjetivo e se afigurou complexo, incorre o risco de repetição da informação.

Resultados

Os resultados apresentados de seguida, incluem uma descrição das categorias e subcategorias formuladas *à posteriori*, resultantes da análise de conteúdo levada a cabo, assim como a respetiva frequência com que surgiu um determinado conteúdo em cada subcategoria. Note-se que a frequência com que surge um determinado conteúdo, apela a uma maior representatividade deste.

Categoria 1: Razões da preferência

Esta categoria comporta as justificações dadas pelos netos para a preferência por um dos seus avós, agrupando-se as respostas dos participantes nas cinco subcategorias descritas abaixo.

Afeto: esta subcategoria inclui respostas que evidenciam a preferência pelo/a avô/ó dada a sua capacidade para satisfazer as necessidades afetivas do/a neto/a, como o facto de se sentir amada, acarinhada, e compreendida por este/a ($n=2$), ser o/a avô/ó que melhor a compreende ($n=1$), ou ser quem lhe dá “aquilo que necessita”, “prestígio e atenção” ($n=1$). Incluem-se ainda nesta subcategoria as respostas respeitantes à disponibilidade afetiva do/a avô/ó, ao facto de “estar lá sempre que precisa” ($n=4$).

Convívio: esta subcategoria reporta-se à preferência pelo/a avô/ó devido a uma maior convivência com este/a ($n=13$).

Criação/Educação: esta subcategoria diz respeito à preferência por determinado/a avô/ó pela sua função como cuidador nos primeiros anos de vida ($n=2$), por ter sido o responsável na criação/educação do neto/a ($n=6$), e por acompanhar o crescimento do/a neto/a ($n=5$).

Personalidade: esta subcategoria refere-se à preferência pelo/a avô/ó dada a sua personalidade ($n=2$), as suas características pessoais, como o facto de ser “simpática, boa ouvinte” ($n=1$), ou o de “darem a um neto aquilo que dão aos outros” ($n=1$), os seus valores, como a “educação e o respeito pelos outros” ($n=1$), e até o estilo educativo do/a avô/ó, “mostrando-me que não sou uma criança e tenho responsabilidades” ($n=1$).

Outras: esta subcategoria engloba as razões da preferência por um dos avós que não foram incluídas em nenhuma das subcategorias anteriores, tais como “dá me

dinheiro” ($n=1$), “gosto muito de estar com ela” ($n=1$), “maior proximidade” ($n=2$), únicos avós vivos ($n=3$) e ajuda não especificada ($n=2$).

Categoria 2: Tipo de atividades

Esta categoria é referente ao tipo de atividades que avós e netos realizam em conjunto, agrupando-se as respostas dos participantes nas três subcategorias descritas abaixo.

Atividades laborais/de foro doméstico: esta subcategoria inclui as respostas em que os netos afirmaram ajudar os avós ($n=2$), especificamente, na agricultura ($n=5$), no jardim ($n=2$), na garagem ($n=1$), a cozinhar ($n=7$), e indo às compras ($n=7$).

Atividades lúdicas: esta subcategoria engloba as atividades de cariz lúdico como “passar férias” ($n=3$), “passear” ($n=38$), “jogar” ($n=10$), “ver televisão” ($n=6$), “brincar” ($n=2$), “ir a museus” ($n=1$), “ir ao dragão” ($n=1$), “ir acampar” ($n=1$), “ir ao shopping” ($n=1$), “ir ao cabeleireiro” ($n=1$), “fazer croché” ($n=1$), “andar de bicicleta” ($n=1$), “ir a festas” ($n=3$) e “viajar” ($n=2$).

Atividades de socialização: subcategoria que diz respeito a atividades de carácter mais expressivo, como o conviver/estar na companhia ($n=6$), conversar ($n=9$), “aprender histórias e antigas culturas” ($n=1$), e partilhar refeições ($n=8$).

Categoria 3: Influência

Esta categoria diz respeito à forma como os netos julgam que os seus avós os influenciam, agrupando-se as respostas dos participantes nas cinco subcategorias descritas abaixo.

(Através de) Conselhos: esta subcategoria contém os aspetos nos quais os netos julgam ser influenciados pelos seus avós, quando estes procuram aconselhá-los. Assim, na influência percebida através de conselhos ($n_{total}=15$), encontram-se respostas variadas, e mais genéricas como “no que devo fazer da vida” ($n=3$), e específicas e mais concretas como “a minha avó paterna aconselha-me a estudar e o meu avô paterno a divertir-me e a não me preocupar tanto” ($n=1$).

(Através da) Educação: esta subcategoria reporta-se à influência percebida pelos netos, através da educação recebida dos avós ($n_{total}=9$). Inclui respostas que dão a perspectiva dos “avós como professores”, “na religião” ($n=1$), “avó materno influenciam-me para a natureza e a sua importância (...) avós paternos na música e na arte” ($n=1$).

(Através da) Experiência de vida: nesta subcategoria incluem-se as respostas em que a influência dos avós parece verificar-se quando estes dão a conhecer a sua história de vida e a sua experiência ($n_{total}=10$), emergindo respostas como “ao contar coisas porque eles passaram já me estão a influenciar na maneira de enfrentar as coisas” ($n=1$), ou “as minhas avós influenciam-me ao mostrarem-me como o estatuto da mulher evoluiu ao longo dos anos” ($n=1$).

(Através da) Personalidade: esta subcategoria refere-se às características pessoais dos avós ($n_{total}=7$), apontadas pelos netos como forma de exercer influência. Assim, verificaram-se respostas do tipo “é brincalhão e assim tenho outro tipo de comportamento mais divertido” ($n=1$) ou “é muito moderna (...) vejo-a mais como uma amiga do que como uma avozinha” ($n=1$).

Outras: esta subcategoria compreende as respostas não englobadas em nenhuma das subcategorias precedentes. Assim, alguns netos referiram o apoio e a proteção ($n=3$) como forma de influência, enquanto outros afirmaram que os avós não os influenciavam ($n=3$), ou exerciam pouca influência ($n=2$) nas suas vidas.

Categoria 4: Evolução da figura dos avós

Esta categoria diz respeito à forma como os netos explicaram a evolução da ideia dos seus avós, alguns reportando-se à ideia que tinham no passado e atualmente, outros referindo-se apenas a um dos tempos, outros mencionando fatores através dos quais se deu essa evolução. As respostas dos participantes agrupam-se nas três subcategorias descritas abaixo.

Experiência: esta subcategoria inclui as respostas nas quais se verificou uma evolução da ideia dos avós no sentido de uma valorização da experiência de vida destes ($n_{total}=9$). Assim, observam-se respostas do tipo “considero-os como pessoas que já

tiveram a minha idade e já passaram por muito” ($n=1$), ou “temos de aproveitar para nos mostrarem a sua experiência de vida” ($n=1$).

Personalidade: esta subcategoria comporta as respostas que ilustram uma evolução da ideia dos avós ao nível da percepção da personalidade ($n_{total}=13$). Verificaram-se respostas do tipo “achava-os chatos” ($n=4$), ou “cada vez mais vejo a mulher de força e garra que a minha avó é” ($n=1$).

Relação: subcategoria que compreende as respostas que evidenciam uma alteração da relação avós-netos ao longo do tempo ($n=21$), “quando era pequena brincava com eles, quando entrei na adolescência começaram a dar-me conselhos” ($n=1$), ou “não gostava muito deles e agora tenho vontade de estar com eles” ($n=1$). Esta subcategoria engloba ainda as respostas em que a ideia dos avós evolui em termos daquilo que os netos julgavam e/ou julgam ser a função dos avós ($n=5$), “achava que os avós só serviam para dar dinheiro nas festas e nas celebrações” ($n=1$), ou “achava que os avós só trabalhavam no campo e agora percebo que querem o bem-estar da família” ($n=1$).

Categoria 5: Papel dos pais

Esta categoria diz respeito à percepção que os netos têm do papel dos seus pais, na relação que estabelecem com os seus avós. As respostas dos participantes agrupam-se nas duas subcategorias descritas abaixo.

Perceção da relação: esta subcategoria compreende as respostas em que os netos avaliaram a relação com os seus avós tomando a perspetiva dos pais, “de forma positiva”, “com muito bons olhos”, e as razões que sustentam essa mesma avaliação “porque se um dia os meus pais me faltarem eu tenho os meus avós”, “dizem-me sempre que são os meus segundos pais” ($n_{total}= 64$).

Agência na relação: esta subcategoria engloba as respostas em que foi possível identificar a interferência dos pais na relação dos netos com os avós ($n_{total}= 27$), “gostam que lhes dê atenção”, “ensinaram-me a respeitar os meus avós”.

Categoria 6: Contributo dado à família

Esta categoria diz respeito ao tipo de contributo que os netos consideraram que os seus avós deram e/ou dão à família, agrupando-se as respostas dos participantes nas três subcategorias abaixo descritas.

Apoio/Ajuda: nesta subcategoria encontram-se as respostas em que os netos indicaram o apoio emocional ($n=6$) dado pelos avós a si ou aos familiares como um tipo de contributo, os conselhos fornecidos ($n=3$), a ajuda na criação/educação ($n=13$), a ajuda não especificada ($n=13$), e ainda, a ajuda monetária ($n=12$).

Bem-estar: esta subcategoria engloba as respostas em que os netos consideram a presença dos avós como fonte de bem-estar e felicidade ($n=7$), um tipo de contributo.

Origem e Elo de ligação familiar: esta subcategoria compreende o tipo de contributo dado pelos avós e percebido pelos netos, a um nível mais abstrato, como o facto de estes serem a “base da família” ($n=2$), “terem trazido os pais ao mundo” ($n=2$), ou criarem a família ($n=2$). Engloba também a representação de que estes “unem a família” ($n=7$).

Categoria 7: Avós ideais

Esta categoria engloba as características que mais se destacaram na conceção de avós ideais para os netos adolescentes, agrupando-se as respostas dos participantes nas quatro subcategorias abaixo descritas.

Papel de educador: esta subcategoria comporta as respostas referentes ao estilo educativo do/a avô/ó ideal, como sendo o “educar dizendo não” ($n=2$), “educar os netos melhor do que educou os filhos” ($n=1$), ou “serem aqueles que contribuem para o crescimento e para a cultura” ($n=1$). Os avós que dão “conselhos” ($n=7$) são também apontados como avós ideais.

Disponibilidade: nesta subcategoria encontram-se as características ideais relacionadas com a disponibilidade dos avós, como o serem avós “presentes” ($n=10$), ou “estarem sempre lá quando é necessário” ($n=4$).

Personalidade: esta subcategoria inclui as principais características da personalidade ideal dos avós, como o serem pessoas compreensivas ($n=14$), carinhosas ($n=11$), simpáticas ($n=11$), divertidas ($n=11$), modernas ($n=9$), ou amigas ($n=8$).

Outras: nesta subcategoria incluem-se as respostas em que os netos apontaram as características dos seus avós como sendo as características ideais ($n=9$), embora a maioria não tenha descrito essas características ($n=6$).

Categoria 8: Contato

Esta categoria diz respeito aos motivos que os netos apontaram para manterem um contacto pouco frequente com os seus avós, agrupando-se as respostas dos participantes nas três subcategorias abaixo descritas.

Distância: esta subcategoria compreende as respostas do tipo “porque moram longe”, “vivem longe de mim”, ou “distância” ($n_{total}=18$).

Motivos familiares: esta subcategoria inclui as respostas em que os motivos alegados pelos netos para existir um contacto pouco frequente com os seus avós se centram nos “problemas familiares” ($n=2$), e na interferência dos pais “o meu pai está chateado com eles” ($n=1$), “os meus pais têm pouco tempo durante a semana” ($n=1$) ou ainda, “os meus pais estão divorciados” ($n=1$).

Outras: nesta subcategoria encontram-se as respostas não englobadas nas subcategorias anteriores, como “não sou muito ligado a ele” ($n=1$), “eles têm preferências” ($n=1$), e “só os vi uma vez na vida” ($n=1$).

Discussão dos resultados

Segue-se a interpretação dos dados mais significativos de cada categoria analisada, atendendo às hipóteses de investigação formuladas no que concerne à natureza da relação avós-netos adolescentes.

Avós favoritos e razões que sustentam a preferência

A existência de um/a avô/ó favorita não foi confirmada pela maioria dos sujeitos, contrariamente ao formulado na primeira parte da primeira hipótese de investigação. Metade (50%) dos netos adolescentes inquiridos, negou a existência de uma figura favorita de entre os seus avós. No entanto, importa atentar que 21,43% dos netos possui apenas um/a avô/ó vivo, o que poderá explicar, em parte, uma tão acentuada expressão de ausência de figura favorita. Analisando este resultado de um outro prisma, e uma vez que alguns netos apontaram como figura preferida um/a avô/ó que já falecera, poderá estar aqui ilustrada a tendência para a progressiva homogeneização dos avós na fase da adolescência, sob uma conotação genérica positiva, tal como concluíram Battistelli e Farnetti (1991).

Atentando aos netos que confirmaram a existência de uma figura favorita de entre os seus avós (50%), verificou-se que a avó materna surgiu como a mais apontada pelos netos (62,86%), seguindo-se-lhe o avô materno (14,29%), ambos os avós maternos (11,43%), e finalmente, no mesmo patamar de preferências dos netos, a avó paterna (5,71%) e o avô paterno (5,71%). Nenhum dos netos tem como figuras favoritas de entre os seus avós, os avós paternos. Os resultados obtidos corroboram a visão da literatura de que são os avós maternos as figuras de quem os netos se sentem mais próximos (António, 2010; Battistelli e Farnetti, 1991; Dias e Silva, 2003; Pereira, 2010; Triadó *et al.*, 2000). Poderá estar intimamente relacionado com a preferência dos netos pelos avós da linhagem materna, o facto de os motivos que sustentam a preferência por um dos avós, terem recaído maioritariamente sobre a “maior convivência”, e/ou ter sido este/a avô/ó o/a responsável pela sua criação/educação, indo este resultado de encontro à segunda e terceira parte da primeira hipótese de investigação formulada. Chan e Elder (2000) apontaram como hipótese explicativa para uma vantagem matrilinear, o facto de as mães estabelecerem um maior contacto com os seus progenitores, constituindo-se os avós maternos como *recursos latentes* na vida dos netos. Assim, e sendo possível extrapolar, a maior convivência das mães com os seus pais comparativamente à menor

convivência com os progenitores do pai dos seus filhos, poderá levar os netos a conviverem mais com os avós da linhagem materna, assumindo estes, mais facilmente que os avós paternos, a função de pais substitutos, criando desde cedo laços fortes e significativos com os seus netos. De facto, foi a avó materna, de entre os quatro avós, aquela com quem se verificou que os netos estabelecem um contacto mais frequente, no mínimo, “todos os meses” ($M=3,64$), a par do avô materno ($M=3,63$).

Tipo de atividades partilhadas entre avós e netos

Os resultados quantitativos (cf. *anexo 3*) mostram que a maioria dos netos (82,86%), gosta de realizar atividades com os seus avós, sendo que apenas uma minoria (17,14%) dos netos, apontou não gostar. No que concerne ao tipo de atividades partilhadas entre avós e netos adolescentes, foram apontadas como mais frequentes as atividades de cariz lúdico, como “passear”, “jogar” ou “ver televisão”. No entanto, atividades de socialização, e de carácter mais expressivo, como “conversar”, “aprender sobre antigas culturas” ou “partilhar refeições”, foram também mencionadas pelos netos. Estes resultados evidenciam o importante papel que os avós têm na socialização dos netos, apoiando os pais no processo de assimilação das normas sociais e regras de comportamento, por parte da criança (Tyskova, 1991). Apesar de ter sido “passear” com os avós, a atividade mais frequentemente mencionada por netos e netas, verificou-se que atividades de foro doméstico como “cozinhar”, “arranjar o jardim” ou “ir às compras”, foram apenas mencionadas pelas netas. Esta constatação poderá estar relacionada com o facto de os avós reforçarem o comportamento próprio do sexo do neto à medida que este cresce (Tyskova, 1991), refletindo as atividades desenvolvidas os tradicionais papéis de género (Tinsley e Parke, 1987, *in* Spitze e Ward, 1998). Assim, estes resultados corroboram a segunda hipótese de investigação formulada.

Influência dos avós

Ao contrário do esperado, a maioria dos netos (61,43%), não percecionou a influência exercida por cada um dos seus avós como diferente, tendo assinalado a resposta negativa. Esta situação, pode estar relacionada, com a já anteriormente mencionada percentagem de netos que possui apenas um/a avô/ó vivo/a. De atentar, que a percentagem de netos com dois avós vivos ultrapassa os 50% (51,43%). Assim, na condição de neto com apenas dois avós vivos, existe uma menor probabilidade de que estes exerçam uma influência diferente na sua vida, se se tratarem, por exemplo, de avós

do mesmo género, dado que a literatura sugere que as diferenças na influência se relacionam com o género do/a avô/ó (Roberto e Stroes, 1992, *in* Dias e Silva, 2003). A primeira parte da terceira hipótese de investigação formulada, não foi assim corroborada.

Uma minoria (38,57%) dos netos considerou ser influenciado de forma diversa pelos seus avós. Através da análise dos resultados qualitativos, observamos que a influência exercida pelos avós na vida dos netos adolescentes, se dá, maioritariamente, através de conselhos fornecidos, “a minha avó aconselha-me a estudar e o meu avô aconselha-me para o negócio”, podendo esta influência, ser considerada do tipo emocional (Dias e Silva, 2003). A influência exercida pelos avós parece também verificar-se quando estes dão a conhecer a sua história de vida e a sua experiência aos netos, “o meu avô materno influenciou-me na escolha do meu curso, pois ao contar-me a história de vida dele, fez-me interessar pela área”. Poderá encontrar-se aqui presente, o papel do avô como *fonte de sabedoria*, provedor de conhecimentos e recursos (Neugarten e Weinstein, 1964, *in* Almeida, 2008), ou de *contador de histórias* (Battistelli e Farnetti, 1991), que mantém os netos conscientes da cultura familiar, sendo uma *ponte para o passado* (Triadó *et al.*, 2005). Foram especificamente as netas quem apontou a história de vida dos avós como fonte de influência, o que pode estar associado à tendência para a rapariga viver a relação com os seus avós numa dimensão mais imaginativa e íntima (Battistelli e Farnetti, 1991). A personalidade dos avós surge também como uma das formas de estes exercerem influência sobre os netos, “a minha avó paterna é muito moderna e por isso vejo-a mais como uma amiga”. Os resultados vão de encontro ao formulado na segunda parte da terceira hipótese de investigação.

Ainda no que reporta à influência exercida pelos avós, o motivo apontado por uma neta para o facto de uma das avós exercer pouca influência na sua vida, relacionava-se com a sua saúde débil, introduzindo-o assim uma outra variável preditora da qualidade das relações avós-netos, a saúde dos avós (Almeida, 2008).

Evolução da ideia dos avós ao longo do crescimento

Conforme o esperado, verificou-se que para a maioria dos netos (70%), existiu uma evolução da ideia dos seus avós, à medida que estes foram crescendo. Constatou-se, que a maioria das respostas compreendeu aspetos de ordem relacional, ou seja, estas evidenciaram uma alteração na natureza da relação avós-netos ao longo do tempo. A

maioria dos netos afirmou valorizar mais os seus avós atualmente, não parecendo existir qualquer tipo de alienação emocional relacionada com a etapa de vida em que se encontram, tal como concluíram os autores Battistelli e Farnetti (1991) e Triadó *et al.* (2010), encontrando-se assim corroborada a quarta hipótese de investigação. A alteração da relação com os avós parece ter-se dado ao nível das atividades desenvolvidas, com alguns netos a nomearem as conversas como uma prática de socialização que foi surgindo ao longo do tempo, “as coisas que fazemos juntos, as conversas, fazem-me dar-lhes cada vez mais valor”. Já Tyskowa (1991) concluíra que as conversas com os avós eram particularmente importantes nesta etapa da vida do neto, realizando-se estas numa atmosfera de paz, compreensão e tolerância. De facto, os sentimentos de compreensão e tolerância em relação aos avós parecem ter emergido a par das mudanças desenvolvimentais dos netos, “hoje tento compreendê-los de forma a aceitar a maneira de ser deles”. Outros sentimentos nobres emergiram com o passar dos anos, como o respeito e a admiração, “passei a idolatrá-los”. Houve ainda uma alteração da perceção dos netos em termos daquilo que estes consideravam e consideram ser a função dos avós, “achava que os avós só trabalhavam no campo e agora percebo que querem o bem-estar da família”. A perceção do papel dos avós parece ter evoluído de uma perspetiva em que o papel era visto como mais instrumental, “achava que os avós serviam para dar dinheiro nas festas e celebrações”, para uma perspetiva onde o papel é visto como caloroso e amigável, tal como postulou Barranti (1985).

A evolução da ideia dos avós deu-se também a partir de uma alteração na forma como os netos compreendem a personalidade destes, alteração essa que geralmente aponta para uma visão das características pessoais dos avós num sentido favorável, “achava-os chatos, agora sei que eram assim porque queriam o meu bem”, mas também num sentido menos favorável “a minha avó foi ficando mais teimosa, o meu avô tem a mania das grandezas, quer dar-me tudo mesmo que não tenha para ele, e isso é mau”. Pode considerar-se que existe um julgamento firme das características pessoais dos avós por parte dos adolescentes, embora esse julgamento pareça ser relativamente independente do vínculo afetivo estabelecido, tal e qual afirmaram Battistelli e Farnetti (1991).

Papel dos pais nas relações avós-netos

Os pais surgem, sob a perspetiva da maioria dos netos adolescentes (92,86%), como figuras apoiantes e facilitadoras (Dias e Silva, 2003) da relação entre estes e os seus avós, indo este resultado, de encontro à primeira parte da quinta hipótese de investigação formulada. Os netos afirmaram que os pais veem “bem” a relação que estes estabelecem com os seus avós, “com muito bons olhos”, “de forma positiva”, apreciando-a e respeitando-a. Os pais foram também designados de “principais agentes da relação”. De facto, esta agência dos pais na relação avós-netos, parece dar-se no sentido de facilitar o contacto entre os netos e os avós, “querem que eu passe tempo com eles”; “acham que devia telefonar mais ao meu avô”; “fomentam a minha presença através de almoços e jantares familiares”. A um nível afetivo, a agência dos pais passa pela tentativa de inculcar nos filhos práticas corretas para com os avós, “obrigam-me a ser educado”, “sempre me ensinaram a respeitar os meus avós”. No entanto, uma neta referiu que o carinho e a preocupação que os avós têm para consigo, é retribuído não porque os pais a obrigam, mas por vontade própria, encontrando-se presente a ideia de que o desenvolvimento de uma relação significativa entre avós e netos, é relativamente independente da interferência dos pais (Mueller, Elder e Glen, 2003, *in* Queirós, 2005). As razões pelas quais os pais agem no sentido de facilitar o contacto dos seus filhos com os avós, parecem dever-se à própria conceção que estes têm do papel dos avós. Assim, e segundo a perspetiva dos netos, os pais consideram importante estes manterem uma boa relação com os avós porque estes são como “segundos pais”, porque “são pessoas da família com quem é importante conviver”, ou “são membros mais velhos da família de quem se devem adquirir fortes conhecimentos”. O papel dos pais como mediadores da relação avós-netos parece assim contribuir para o estabelecimento de uma proximidade emocional entre estes, não podendo afirmar-se, contudo, que a generalidade dos netos adolescentes, atua de forma relativamente independente no que toca a desenvolver uma relação significativa com os seus avós. Pelo contrário, nesta etapa da vida dos netos, os pais parecem ainda funcionar como uma ponte (King e Elder, 1995, *in* Triadó et al., 2010), organizando encontros, determinando a frequência do contacto, ou servindo como modelos sobre como se comportar com a relação mais velha (Spitze e Ward, 1998).

Contributo dado pelos avós à família

A maioria dos netos (82,86%), confirmou que os seus avós dão e/ou deram um contributo importante à sua família. Como contributo dado pelos avós à família, os netos mencionaram maioritariamente a ajuda/apoio prestado por estes aos mais diversos níveis, a si e/ou aos familiares, não havendo contudo especificado qual o tipo de ajuda prestado. Parece estar presente a ideia dos avós como *recursos latentes* (Chan e Elder, 2000), dado que estes parecem estar disponíveis para ajudar “em tudo, desde o que é palpável ao que é sentido”. Como ajuda específica, alguns netos apontaram o apoio emocional, “quando estou num dia mau”, através de “sábios conselhos”, a ajuda prestada pelos avós na sua criação/educação, “os meus avós ficavam comigo enquanto os meus pais trabalhavam”, na criação de familiares, “cuidaram dos meus primos e irmãs” e na educação dos próprios pais, “ensinaram os meus pais a ser pessoas adultas”, e a ajuda monetária. Um outro tipo de contributo mencionado pelos netos, compreende, uma representação mais abstrata da figura dos avós pelos netos adolescentes, como o facto de estes serem a “base da família”, “terem trazido os pais ao mundo” ou “unirem a família”. Esta representação da figura dos avós, comporta uma imagem positiva da pessoa idosa, vendo-a como *a origem de tudo* (Dias e Silva (2003), inferindo-se que a relação avós-netos, auxilia na redução dos preconceitos relacionados com a velhice (Oliveira, 2003, *in* Veleza *et al.*, 2006).

Os resultados acima expostos vão de encontro aos verificados no estudo de Dias e Silva (2003) com netos universitários, o que permite corroborar a primeira e segunda parte da sexta hipótese de investigação formulada. Não obstante, não foi visível um tipo de contributo especificamente mencionado pelos netos ou pelas netas, ou uma maior relevância dada a um tipo de contributo por um dos sexos, contrariamente aos resultados do estudo das autoras citadas anteriormente, pelo que não confirma a segunda parte da sexta hipótese de investigação formulada.

Avós ideais

As características que mais se destacaram na conceção de avós ideais para os netos adolescentes, compreenderam aspetos da personalidade como o serem pessoas compreensivas, modernas, carinhosas, amigas, divertidas e simpáticas; aspetos referentes ao estilo educativo do/a avô/ó, como o “educar dizendo não”, “o educar os netos melhor do que educou os filhos”, sendo também aqueles que “contribuem para o crescimento e para a cultura”; aspetos relacionados com a disponibilidade, como o

serem avós “presentes”, “estarem sempre prontos a ajudar”, dando “conselhos”. Pode considerar-se que a maioria das características apontadas pelos netos adolescentes foi de encontro à conceção dos jovens adultos sobre um/a avô/ó ideal (Robertson, 1976, *in* Dias e Silva, 2003), corroborando a primeira parte da sétima hipótese de investigação formulada, apesar de a dimensão comunicativa não ter sido tão enfatizada pelos adolescentes. Tal facto pode dever-se à importância dada ao grupo de pares na fase da adolescência (Triadó *et al.*, 2010), sendo talvez os amigos ao invés dos avós, as figuras com quem os netos desejam estabelecer um maior diálogo/comunicação.

Ainda no que respeita à conceção de avô/ó ideal verificou-se que alguns netos apontaram os seus avós como sendo os ideais, o que vem reforçar a ideia de que os adolescentes têm uma imagem positiva do/a avô/ó com quem convivem (Sousa e Cerqueira, 2006), contribuindo a convivência intergeracional para uma imagem mais positiva da pessoas do idoso (Barros, 2008).

Analisando as características ideais dos avós, apontadas, quer pelos netos, quer pelas netas, verificou-se que as netas indicaram mais frequentemente características da personalidade como a “compreensão” e a “mentalidade aberta”, tendo sido também maioritariamente as netas, a mencionar as características relacionadas com o estilo educativo do/a avô/ó. Embora não se possa considerar que as características de um/a avô/ó ideal apontadas por netos e netas diverjam, não indo os resultados de encontro à segunda parte da sétima hipótese de investigação formulada, pode extrapolar-se que as netas apontaram em maior número as características ideais acima mencionadas, pelo facto de os avós reforçarem o comportamento próprio do sexo dos netos à medida que estes crescem (Tyskova, 1991), reforço esse que talvez não seja o desejado pelas netas, uma vez que os papéis de género atualmente desempenhados pelas mulheres, pouco têm de semelhante ao tradicional papel da mulher refletido no comportamento da maioria das avós.

Frequência do contacto

O motivo maioritariamente apontado pelos netos para manterem um contacto pouco frequente com algum ou alguns dos seus avós, foi, efetivamente, a distância geográfica a que se encontram destes, indo os resultados de encontro à oitava hipótese de investigação formulada. De facto, e atentando que o avô paterno foi a figura com quem os netos indicaram estabelecer um contacto menos frequente ($M=2,94$) de entre os

seus quatro avós, e também, aquele que, a par da avó paterna, surgiu um último na preferência dos netos, pode inferir-se que os netos que mantêm uma relação de maior proximidade com os seus avós, coincidem com os que vivem mais perto (Smith, 1995, in Almeida, 2008). Esta menor proximidade relacional pode dever-se, em parte, ao menor número de atividades realizadas em conjunto (Dias e Silva, 1999).

De entre os motivos mencionados pelos netos para estabelecerem um contacto pouco frequente com algum ou alguns dos seus avós, emergiram também motivos de ordem familiar. Alguns motivos familiares emergentes relacionam-se com a interferência da geração intermédia na relação avós-netos, os pais. Assim, é possível inferir-se que os pais possuem, ainda, um poder considerável sobre a díade avós-netos adolescentes (como havíamos, aliás, visto anteriormente), dificultando o contacto entre os seus filhos e os avós, “os meus pais têm pouco tempo durante a semana”, se existirem entre as gerações mais velhas relações não congruentes (Buchbinder, Livni, Lowenstein e Werner, 2007, in Cunha, 2008), caracterizadas por perspectivas dissonantes, “o meu pai está chateado com eles”. Não obstante o poder dos pais na relação avós-netos, a partir da adolescência esta relação parece tornar-se mais voluntária (Triadó et al., 2010), podendo surgir motivos do género “não sou muito ligado a eles”, para justificar um contacto pouco frequente com os avós.

Conclusão

Considerando toda a contextualização teórica exposta ao longo da presente dissertação, penso ter sido possível compreender a visão da família como um *continuum multigeracional* (Kornhaber, 1996), onde as relações avós-netos se constituíram como o objeto de estudo privilegiado. Dado que o papel de *ser neto* (Queirós, 2005) comporta uma pluralidade de significações que variam consoante o curso da atividade do indivíduo no seu contexto, optou-se por analisar o papel de *ser neto* no período da adolescência. Não obstante, a análise levada a cabo acerca do papel de *ser neto* não perspetivou qualquer tipo de generalização dos resultados, pelo que apenas se realizaram inferências numa vertente exploratória.

Através do presente estudo, e atendendo aos resultados discutidos anteriormente, podem realizar-se as seguintes inferências: para os netos adolescentes a figura da *avó*

materna é aquela com quem estes estabelecem uma relação de maior proximidade, parecendo esta proximidade estar relacionada com uma maior frequência de contacto e com o papel que a avó desempenhou ao longo do crescimento dos netos, o *papel de educadora*, figura significativa responsável pela *criação*; o tipo de atividades que os adolescentes costumam realizar com os seus avós apresenta-se como maioritariamente de cariz lúdico, embora comecem a surgir as *conversas* como veículo de socialização; os netos adolescentes são influenciados pelos seus avós através de *conselhos* recebidos, e especificamente as netas, através do conhecimento das suas *histórias de vida*, onde os avós parecem assumir o papel de *contador de histórias* (Battistelli e Farnetti, 1991); para a maioria dos netos adolescentes ocorreu uma alteração na natureza da relação com os seus avós ao longo do tempo, sendo que atualmente, e na sua generalidade, a ideia da figura dos avós é mais positiva e valorizada; os pais, surgem, na perspetiva dos adolescentes, como figuras apoiantes e facilitadoras da relação entre estes e os seus avós, apesar de se evidenciar a influência que estes possuem no desenvolvimento de uma relação significativa; para os adolescentes, o tipo de contributo que os seus avós deram e/ou dão à família compreende a ajuda e o apoio prestados aos mais diversos níveis, encontrando-se presente a ideia dos avós como *recursos latentes* (Chan e Elder, 2000), emergindo novamente uma imagem positiva da figura dos avós, onde estes têm funções distintas, quer a um nível instrumental, quer a um nível emocional; os adolescentes consideram que as características de *avós ideais* compreendem aspetos da personalidade de natureza amigável, como o serem pessoas *compreensivas, modernas, carinhosas e amigas*, para alguns, características pertencentes aos seus avós; a distância geográfica a que os netos adolescentes se encontram dos seus avós, dificulta o contacto entre estes, assim como os motivos de ordem familiar que compreendem a interferência dos pais na relação.

Expostos os produtos mais relevantes da presente dissertação, urge refletir sobre algumas das suas limitações.

Em primeiro lugar, reconhece-se que o número de participantes é reduzido para estabelecer qualquer comparação de ordem significativa, por exemplo, entre o sexo dos netos. É novamente de frisar que o estudo assume um carácter exploratório, não visando efetuar generalizações. A generalização dos resultados a outras populações tipo afigura-se como limitada também pela homogeneidade da presente amostra, dado que os

participantes residem todos numa área urbana e são todos caucasianos. A localização geográfica é, aliás, uma variável influente na qualidade das relações avós-netos.

Ainda no que concerne à amostra da presente investigação, note-se que um possível critério de seleção não foi considerado, o critério de compreender participantes com os quatro avós vivos. Assim, e para uma análise mais aprofundada que a experiência de ser neto pode proporcionar, e objetivando relacionar essa experiência com cada um dos avós em particular, sugere-se que as próximas investigações considerem este critério de seleção.

Outra das limitações do presente estudo, relaciona-se com a impossibilidade de confrontar a perspetiva dos netos aqui exposta, com a perspetiva dos dois outros elementos das relações intergeracionais aqui retratados, os pais e os avós. Será, por exemplo, que os avós destes netos adolescentes, os percebem de forma positiva? Ou, pelo contrário, existirá da parte destes, uma visão pouco favorável das suas problemáticas adolescentes, como as saídas à noite? Em que dimensões a perspetiva de avós e netos divergiria? E os pais, veriam o seu papel na relação avós-netos, tal e qual o viram os seus filhos? A resposta a estas questões permitiria obter uma visão mais abrangente e fidedigna das relações intergeracionais e suas vertentes, como a existência de um possível *fosso intergeracional*, conceito amplamente citado na literatura. Neste sentido, e porque o enfoque num dos protagonistas da relação é uma das críticas mais apontadas em estudos anteriores, seria sem dúvida uma mais-valia em investigações futuras compreender múltiplas perspetivas, não limitando a compreensão da relação a um nível individual, analisando só o ponto de vista dos avós, ou só o ponto de vista dos netos.

Estudos longitudinais das relações avós-netos ajudariam a avançar na compreensão da forma como as relações nas díades mudam com o tempo. A opção por estudar longitudinalmente a relação avós-netos, ajudaria, por exemplo, na compreensão de como a ideia dos avós evolui ao longo do tempo para os netos, questão que se procurou abordar no presente estudo, mas que naturalmente necessita de uma análise mais aprofundada e complexa.

Em suma, o presente estudo, como fora mencionado nos objetivos de investigação, pretendeu contribuir para alargar o conhecimento científico conhecido até então acerca das relações avós-netos adolescentes, tendo-se presente que a investigação

no âmbito das relações avós-netos apenas deflagrou nos últimos anos, e onde urge continuar a desbravar terreno. Como afirma Barros (2008), do modo como a sociedade trata hoje os gerontes pode aferir-se dos seus valores e prever os valores de amanhã, valores que são transmitidos de geração em geração, na importante interação entre os netos e os seus avós.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. (2008). *Relações intergeracionais: a relação avós-netos e crenças acerca dos adolescentes. A perspectiva dos avós*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Amado, J. (2000). A técnica de análise de conteúdo. *Referência*, 5, 53-63.
- António, S. (2010). *Avós e netos. Relações intergeracionais. A Matrilinidade dos afectos*. Lisboa: Instituto superior de ciências sociais e políticas.
- Araújo, M.R. e Dias, C.M. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia*, 7, 91-101.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barnett, M., Scaramella, L., Neppl, T., Ontai, L., e Conger, R. (2010). Grandmother involvement as a protective factor for early childhood social adjustment. *Journal of Family Psychology*, 24, 635-645.
- Barros, J. H. (2008). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Livpsic.
- Battisteli, P., e Farneti, A. (1991). Grandchildren's images of their grandparents: a psychodynamic perspective. In P. K. Smith (Ed.), *The Psychology of grandparenthood: An international perspective*, (pp. 143-156). London: Routledge.
- Barranti, C. (1985). The grandparent/grandchild relationship: family resource in an era of voluntary bonds. *Family Relations*, 34, 343-352.
- Chan, C. e Elder, G. (2000). Matrilineal advantage in grandchild-grandparent relations. *The Gerontologist*, 40, 179-191.
- Cunha, B. (2008). *Relações intergeracionais: significados da relação netos-avós e crenças acerca dos idosos: a perspectiva dos adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Dias, C., Dias, M., e Silva, D. (1999). Os avós na perspectiva dos adolescentes. *Mente social revista científica do Mestrado em Psicologia*, 5, 89-117.
- Dias, C. e Silva, M. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Dolbin- MacNab, M., e Keiley, M. (2009). Navigating interdependence: how adolescents raised solo by grandparents experience their family relationships. *Family Relations*, 58, 162-175.
- Domingos, T. (2008). *Grã-parentalidade: estudo exploratório com avós e netos adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Dubas, J.S. (2001). How gender moderates the grandparent-grandchild relationship. *Journal of Family Issues*, 22, 478-492.
- Kahana, B., & Kahana, E. (1970). Grandparenthood from the perspective of the developing grandchild. *Developmental Psychology*, 3, 98-105.
- King, V, Russell, S. T. e Elder, G. H. (1998). Grandparenting in family systems: an ecological perspective. In M. E. Szinovacz (Ed.) *Handbook of grandparenthood*, (pp.53-69). Westport: Greenwood Press.
- Kornhaber, A. (1996). *Contemporary grandparenting*. London: Sage.

- Lima, M. (2004). *Posso participar? Actividades de desenvolvimento pessoal para idosos*. (1ª ed.). Porto: Ambar.
- Michels, T., Albert, I., e Ferring, D. (2011). Emotional relations with grandparents and received support: the adolescent view. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 264-280.
- Pereira, D. (2010). *As relações intergeracionais entre avós e netos: um estudo qualitativo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Queirós, I. (2005). *Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a autovalorização global dos netos: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ross, N., Hill, M., Sweeting, H., e Cunningham-Burley, S. (2003/2004). *Grandparents and teen grandchildren: Exploring intergenerational relationships*. Report of a study funded by the Centre for Research on Families and Relationships and the Economic and Social Research Council.
- Silverstein, M., Giarrusso, R., e Bengtson, V. L. (1998). Intergenerational solidarity and the grandparent role. In M. E. Szinovacz (Ed.) *Handbook of grandparenthood*, (pp.144-170). Westport: Greenwood Press.
- Smith, P. K. (1991). *The psychology of grandparenthood: An international perspective*. London: Routledge.
- Sousa, L. e Cerqueira, M. (2006). Influência do género nas imagens da velhice: um estudo exploratório na população portuguesa. *Kairós Gerontologia*, 9, 69-86.
- Spitze, G. e Ward, R. (1998). Gender variations. In M. E. Szinovacz (Ed.) *Handbook of Grandparenthood*, (pp. 113-127). Westport: Greenwood Press.
- Szinovacz, M. E. (1998). *Handbook on grandparenthood*. Westport: Greenwood Press.
- Thomas, J. (1986). Gender differences in satisfaction with grandparenting. *Psychology and Aging*, 1, 215-219.
- Triadó, C., Martínez, G. e Villar, F. (2000). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuario de Psicología*, 31, 107-118.
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Osuna, M. e Pinazo, S., (2005). The meaning of grandparenthood: do adolescent grandchildren perceive the relationship and role in the same way as their grandparents do? *Journal of Intergenerational Relationships*, 3, 101-119.
- Triadó, C., Villar, F., Pinazo-Hernandis, S., Celdrán, M. e Solé, C. (2010). Grandparents and their adolescent grandchildren: generational stake or generational complaint? A study with dyads in Spain. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8, 281-297.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Silva e J. Pinto. *Metodologia das ciências sociais*, (pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Veleda, A., Neves, F., Baisch, A., Vaz, M., Santos, S., e Soares, M. (2006). Os significados e contribuições da convivência entre avós e netos para o desenvolvimento da criança. *Psychologica*, 43, 27-40.

Anexos

Anexo 1. Ficha de identificação

Inserido no Mestrado Integrado em Psicologia da FPCEUP, está em curso um estudo sobre a natureza das relações avós-netos. Neste sentido gostaria de solicitar a tua colaboração, pedindo-te que facultes, por favor, algumas informações. É assegurada confidencialidade. *Obrigado pela tua colaboração!*



Ano ____ Idade ____ Sexo ____

1 – Qual a tua localidade de residência?

2- Qual a localidade de residência do/a teu/tua (se já não possuíres algum dos avós, por favor, escreve “falecido/a”):

Avô Materno: _____

Avó Materna: _____

Avô Paterno: _____

Avó Paterna: _____

3- Usando a seguinte escala 1- Uma vez por ano ou até menos; 2- Várias vezes por ano; 3 – Todos os meses; 4- Todas as semanas; 5- Quase todos os dias, com que frequência estás com o /a teu/tua:

Avô Materno: _____

Avó Materna: _____

Avô Paterno: _____

Avó Paterna: _____

4- Se usaste a escala 1 e/ou 2 para algum dos avós, por favor, refere o (s) motivo (s).

Anexo 2 - Questionário

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto



5º Ano do Mestrado Integrado em Psicologia, Ano Lectivo 2010/2011

Porque é importante saber mais acerca do significado da Avosidade, de forma a melhor compreender as interacções e significados particulares que emergem de cada diáde, por favor, responde às questões que se colocam abaixo.

Ano ____ Idade ____ Sexo ____

1. Tenho um(a) avô (ó) favorito(a).

Sim__ Não__

Se respondeste sim, por favor refere a linhagem (se materno/a ou paterno/a).

Se respondeste sim, por favor, indica as razões da tua preferência.

2. Gosto de realizar actividades com os meus avós.

Sim__ Não__

Se respondeste sim, que tipo de actividades?

3. Cada um dos meus avós me influencia de forma diferente.

Sim____ Não__

De que forma *cada um* dos teus avós te influencia?

4. A ideia que tenho dos meus avós foi evoluindo à medida que fui crescendo.

Sim____ Não__

Se respondeste sim, explica, por favor, como se deu essa evolução (procura ser específico/a).

5. Os meus pais consideram importante a minha relação com os meus avós.

Sim____ Não__

Como é que os teus pais vêem a tua relação com os teus avós?

6. Os meus avós deram e/ou dão um contributo importante à minha família.

Sim____ Não____

Se respondeste sim, que *tipo* de contributo os teus avós deram e/ou dão à tua família?

7. Que características consideras serem as de um(a) avô (ó) ideal?

Obrigado pela tua colaboração!

Anexo 3- Dados quantitativos

3.1. Dados quantitativos respeitantes à ficha de identificação

Caracterização da amostra			
	Média de idades	<i>N</i>	%
Total	15,80	<i>n</i> = 70	100,00%
Rapazes	15,79	<i>n</i> = 29	58,57%
Raparigas	15,80	<i>n</i> = 41	41,43%

Número de avós vivos		
	<i>N</i>	%
1 Avô/ó	<i>n</i> = 15	21,43%
2 Avós	<i>n</i> = 21	30,00%
3 Avós	<i>n</i> = 21	30,00%
4 Avós	<i>n</i> = 13	18,57%

Frequência de contacto com os avós*	
Avô paterno	2,94
Avó paterna	3,18
Avô materno	3,63
Avó materna	3,64
Por linhagem	
Avós paternos	3,08
Avós maternos	3,64
Por sexo	
Rapazes	3,28
Raparigas	3,48

*os valores foram obtidos a partir da média das respostas dos participantes numa escala de 1 a 5, sendo que o valor 1 corresponde ao contacto menos frequente e o valor 5 ao contacto mais frequente.

3.2 Dados quantitativos respeitantes ao questionário

Tenho um/a avô/ó preferido/a		
Total		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n</i> = 35	50,00%
Não	<i>n</i> = 35	50,00%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n</i> = 14	48,28%
Não	<i>n</i> = 15	51,72%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n</i> = 21	51,22%
Não	<i>n</i> = 20	48,78%

Avô/ó preferido/a (de entre os que responderam sim na afirmação anterior)		
Total		
	<i>N</i>	%
Avô materno	<i>n</i> = 5	14,29%
Avó materna	<i>n</i> = 22	62,86%
Avô paterno	<i>n</i> = 2	5,71%
Avó paterna	<i>n</i> = 2	5,71%
Avós maternos	<i>n</i> = 4	11,43%
Avós paternos	<i>n</i> = 0	0,00%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Avô materno	<i>n</i> = 3	21,43%
Avó materna	<i>n</i> = 8	57,14%
Avô paterno	<i>n</i> = 0	0,00%
Avó paterna	<i>n</i> = 2	14,29%
Avós maternos	<i>n</i> = 1	7,14%
Avós paternos	<i>n</i> = 0	0,00%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Avô materno	<i>n</i> = 2	9,52%
Avó materna	<i>n</i> = 14	66,67%
Avô paterno	<i>n</i> = 2	9,52%
Avó paterna	<i>n</i> = 0	0,00%
Avós maternos	<i>n</i> = 3	14,29%
Avós paternos	<i>n</i> = 0	0,00%

Gosto de realizar actividades com os meus avós		
Total		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 58</i>	82,86%
Não	<i>n = 12</i>	17,14%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 22</i>	75,86%
Não	<i>n = 7</i>	24,14%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 36</i>	87,80%
Não	<i>n = 5</i>	12,20%

Cada um dos meus avós me influencia de forma diferente		
Total		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 27</i>	38,57%
Não	<i>n = 43</i>	61,43%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 11</i>	37,93%
Não	<i>n = 18</i>	62,07%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 16</i>	39,02%
Não	<i>n = 25</i>	60,98%

A ideia que tenho dos meus avós foi evoluindo a medida que fui crescendo

Total		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 49</i>	70,00%
Não	<i>n = 21</i>	30,00%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 19</i>	65,52%
Não	<i>n = 10</i>	34,48%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 30</i>	73,17%
Não	<i>n = 11</i>	26,83%

Os meus pais consideram importante a minha relação com os meus avós

Total		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 65</i>	92,86%
Não	<i>n = 5</i>	7,14%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 27</i>	93,10%
Não	<i>n = 2</i>	6,90%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 38</i>	92,68%
Não	<i>n = 3</i>	7,32%

Os meus avós deram e/ou dão um contributo importante à minha família

Total		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 58</i>	82,86%
Não	<i>n = 12</i>	17,14%
Rapazes		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 25</i>	86,21%
Não	<i>n = 4</i>	13,79%
Raparigas		
	<i>N</i>	%
Sim	<i>n = 33</i>	80,49%
Não	<i>n = 8</i>	19,51%
